

Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste

Towards a socio-diachronic overview of the addressing forms in a subject position in the Northeast region (Brazil)

Recebido em 06 de maio de 2015. | Aprovado em 10 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.174>

Marco Antonio Martins¹
Aroldo Leal de Andrade²
Kássia Kamilla de Moura³
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda⁴
Valéria Severina Gomes⁵
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro⁶

Resumo: Apresentamos neste artigo uma análise sócio-diacrônica das formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, na região nordeste, num recorte temporal que contempla os séculos XIX e XX. Os resultados mostram que nas cartas da região nordeste o subsistema de tratamento exclusivo de *you* é mais frequente em quase todas as décadas dos dois séculos observados. Esse quadro já se encontra bastante consolidado na primeira metade do século XX, mais especificamente na década de 1910. As escolhas das demais formas de tratamento estão diretamente vinculadas ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando mais poder ou mais solidariedade nos diferentes contatos.

Palavras-chave: pronomes pessoais; formas de tratamento; *you*; cartas pessoais; nordeste.

Abstract: In this paper, we present a socio-diachronic analysis of address forms in subject function in personal letters of the states of Bahia, Pernambuco and Rio Grande do Norte, in a time frame covering the nineteenth and twentieth centuries. The results show that in the letters of the Northeast region the prevailing subsystem of address includes the pronoun *you* in almost every decade of the two centuries and that this framework was already well consolidated in the first half of the twentieth century, more specifically in the 1910s. The choice of other address forms is directly linked to the type of relationship established between the scribes, considering more power or more solidarity in various contacts.

Keywords: personal pronouns; treatment; *you*; personal letters; Brazilian Northeast.

¹ Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Santa Catarina, credenciado no programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição, Bolsista PQ2-CNPq, Doutor em Linguística pela UFSC. marco.martins@ufsc.br.

² Doutor em Linguística e Pós-doutorando na Universidade Estadual de Campinas. aroldo.andrade@gmail.com.

³ Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. moura.kassia@gmail.com.

⁴ Professora Adjunto B da Universidade Estadual de Feira de Santana, credenciada no Mestrado em Estudos Linguísticos e no Mestrado Profissional em Letras da mesma instituição, Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Pesquisadora FAPESB. marianafag@gmail.com.

⁵ Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco. lelavsg@gmail.com.

⁶ Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Doutora e com Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. zenaide.novais@gmail.com.

Introdução⁷

Estudos sociolinguísticos de cunho histórico-diacrônico realizados nos últimos anos no Brasil têm apresentado evidências de que a implementação de *você* no sistema pronominal no português brasileiro (PB) está diretamente associada ao pronome na função de sujeito (RUMEU, 2008; LOPES, 2009; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; LOPES; MARCOTULIO, 2011), e de que convivem na escrita brasileira dos séculos XIX e XX diferentes subsistemas de tratamento (LOPES; CAVALCANTE, 2011): (i) de *você exclusivo*, conforme exemplo em (01), a seguir; (ii) de *tu exclusivo*, como em (02); e (iii) de *alternância você~tu*, como em (03):

- (01) (...) Eu queria que **VOCÊ** fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e **CONVERSASSE** em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, **VOCÊ** peça para [inint.] no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de rever [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: **VOCÊ** procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e indique aelle dos rádios <[†]Philco> que [fol. 1v.] possuo, **bons**, e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, **PEÇA** para avaliar. [...] (de Mário Sette para o filho, 29 de outubro de 1937, Pernambuco/Acervo Mário Sette)
- (02) [...] ela me disse que eu tinha| direito de **TE** convidar; pois tanto eu| como **TU**, somos incluídos na família,| mas, creio, que **DEVES** estar bem cerca| do de afazeres, não é verdade? (de Ruzinete para Lourival, 18 de março de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lorival e Ruzinete)
- (03) Talvez **VOCÊ** não entendo o que vai escrito > [...] Sem meu bem a maior certeza que posso dar **TE** é que em momento nem um esqueço de **VOCÊ** pois bem **SABIS** que é a maior representante de minha vida? (de Arnaldo para a esposa Maria, 1 de setembro de 1971, Bahia/Acervo Cartas da Família Oliveira)

Tendo em vista esse quadro, buscamos neste artigo apresentar uma análise da implementação da forma pronominal *você* em cartas pessoais do Nordeste brasileiro no curso dos séculos XIX e XX. Para tanto, analisaremos dados de cartas pessoais dos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, extraídos dos *corpora* que conformam o projeto *Para a História do Português Brasileiro*.

Os resultados aqui apresentados apresentam evidências de que nas cartas da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte o subsistema de tratamento que vigora, em quase todas as décadas do recorte temporal investigado, é o de *você*, já bastante consolidado na primeira metade do século XX.

O *corpus* comum para os três estados da região nordeste é constituído de cartas pessoais, subdivididas em três subgêneros: cartas de amor, cartas de amigo e cartas de família. As cartas pessoais seguem um padrão composicional reconhecido que ancora o texto: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. Por meio dessas cartas, passamos a conhecer o entorno de quem as escreveu, sobre o local em que vivia, quando escreveu e sobre as estratégias linguísticas utilizadas. Essas estratégias expressam as variantes linguísticas de acordo com o tempo histórico, o local, o perfil social dos envolvidos, por vezes escasso, e a natureza tradicional do texto. Essas missivas revelam diferentes tipos de relação entre os escreventes.

Para embasar a descrição e a análise dos resultados, transitaremos pela análise variacionista na linha laboviana (LABOV, 1972; 1994), pela análise qualitativa com base nos fatores pragmáticos e nos papéis sociais dos interlocutores (CONDE SILVESTRE, 2007), que condicionam a opção por certas formas tratamentais e variantes, e pela análise das relações sociais classificadas de acordo com a dicotomia entre Poder e Solidariedade (BROWN;

⁷ Este artigo reúne resultados de projetos de pesquisa das equipes regionais dos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte vinculados ao *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)*, mais especificamente, ao grupo que estuda as formas de tratamento na diacronia do PB em cartas pessoais, coordenado pela profa. Dra. Célia Lopes. Agradecemos ao parecerista anônimo da Revista *LaborHistórico* pela sugestões e leitura atenta do texto. Marco Antonio Martins agradece o apoio financeiro do CNPq com a bolsa de produtividade PQ (processo 310728/2014-2). Aroldo de Andrade agradece o apoio financeiro da Fapesp (processo nr. 2011/19335-2, vinculado ao processo 2013-06078-9). Zenaide de Oliveira Novais Carneiro agradece à FAPESB, pelo apoio financeiro (Processo 5566/2010 - Projeto CE-DOHS Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, vinculado ao processo CNPq 401433/2009-9 projeto Vozes do Sertão em Dados: *história, povos e formação do português brasileiro*).

GILMAN, 1960), entre relações simétricas e relações assimétricas (ascendentes e descendentes)⁸. Os resultados aqui apresentados corroboram o quadro de que as escolhas das formas de tratamento estão diretamente vinculadas ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando mais poder ou mais solidariedade nos diferentes contatos. Em termos diacrônicos e diatópicos, o emprego de *você* e *tu* em cartas pessoais dos séculos XIX e XX dos três estados da região Nordeste contribuirá para o mapeamento do processo de gramaticalização de *você* na diacronia do PB.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: nas três primeiras seções, apresentamos uma breve caracterização dos *corpora* e a análise das cartas das diferentes regiões, considerando as especificidades das cartas por amostra e região; na seção 4, considerando os resultados das amostras por estado, buscamos apresentar um panorama sócio-diacrônico da distribuição do pronome *você* na função de sujeito na região nordeste.

1. As formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: Bahia

Apresentamos nas três primeiras seções uma breve caracterização dos *corpora* e uma descrição e análise das formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais de três estados do Nordeste brasileiro – Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Começamos pelo estado da Bahia.

1.1 - O corpus

A análise referente ao estado da Bahia baseia-se em 383 cartas, conforme distribuição apresentada no quadro a seguir. As referidas cartas estão digitalizadas em formato XML, por meio da ferramenta *eDictor*, e encontram-se *on-line*, como parte do *Corpus* Compartilhado PHPB-BA, na página do *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS)⁹.

<i>Década</i>	<i>Subcorpus de cartas</i>	<i>Quantidade de cartas</i>
1810-1850	Cartas para Vários Destinatários	7
1860	Cartas para Vários Destinatários	19
1870	Cartas para Vários Destinatários	18
1880	Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo	18
1890	Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo	151
1900	Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo Cartas para Severino Vieira, Governador da Bahia	69
1910	Cartas Baianas: o acervo de João da Costa Pinto Victoria	10
1920	Cartas Baianas: o acervo de João da Costa Pinto Victoria Cartas do Acervo Dantas Jr.	19
1930	Cartas do Acervo Dantas Jr.	16
1940	Cartas do Acervo Dantas Jr.	18
1950	Cartas do Acervo Dantas Jr.	14
1960	Cartas do Acervo Dantas Jr.	3
1970	Acervo da Família Oliveira	2

⁸ As relações assimétricas consistem nos contatos estabelecidos entre interlocutores que ocupam posições hierárquicas de distanciamento. As relações assimétricas descendentes ocorrem, por exemplo, de pai/mãe para filho/a; já as relações assimétricas ascendentes ocorrem, por exemplo, de filho/a para pai/mãe.

⁹ Endereço para acesso do *corpus* é: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora.html>>.

1980	Correspondências Amigas, o acervo de Valente, Bahia	13
1990	Correspondências Amigas, o acervo de Valente, Bahia	6
Total		383

Quadro 01. Composição do corpus de cartas de remetentes baianos, por década.

Os acervos, editados em Carneiro (2005), são brevemente descritos a seguir:

1. Cartas para vários destinatários (1809-1904): 208 cartas; 38 baianos/114 remetentes (111 homens e 3 mulheres), oriundos, em sua maioria, da classe alta e letrada e nascidos entre 1724 e 1880. Boa parte dessas cartas foram escritas no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, seguidas das cartas escritas na Bahia, a maioria das quais foram enviadas por parentes, amigos e correligionários ao coronel Exupério Canguçu, provenientes da região da Chapada Diamantina e da Serra Geral, área de atuação desse coronel.

2. Cartas para Severino Vieira, Governador da Bahia (1901-1902): 102 cartas; 8 baianos/60 remetentes (57 homens e 3 mulheres), de maioria letrada e cidadina, compondo-se basicamente por remetentes cultos ou semicultos.

3. Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo (1880-1903): 190 cartas; 43 baianos/43 remetentes (42 homens e 1 mulher). Trata-se de uma elite rural sertaneja, pouco letrada. Uma pequena parte é denominada aqui como semipopulares, composta, basicamente por vaqueiros, administradores das fazendas do Barão de Jeremoabo.

4. Cartas do Acervo Dantas Jr. (1902-1962¹⁰): 242 cartas, sendo 64 baianos/113 remetentes¹¹ com apenas 7 mulheres. A maior parte dos remetentes é formada por bacharéis em Direito, com altos cargos no período republicano em que viveram.

5. Cartas Baianas, o acervo de João da Costa Pinto Victoria (1911-1958): 102 cartas, sendo 5 baianas/5 remetentes. São cartas escritas por cinco mulheres semicultas e cultas, oriundas de Salvador, de Santo Amaro e do Rio de Janeiro. As cartas provêm de diversas regiões da Bahia, sendo a maioria da capital baiana, e outras de vilarejos e fazendas. As cartas desse acervo foram escritas por descendentes dos remetentes das "Cartas para Vários Destinatários", acervo do século XIX.

6. Correspondências Amigas, o acervo de Valente, Bahia (1980-1993): 79 cartas; 31 baianos/38 remetentes. Há, no conjunto de cartas manuscritas, 2 cartas datilografadas. São 38 remetentes, 31 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. A quase totalidade das 77 cartas e 25 cartões é destinada a Adelmário Carneiro Araújo, nascido em Valente, em 17 de outubro de 1959. A maior parte dos remetentes é nascida ou radicada no interior da Bahia, jovens (20 a 30 anos) estudantes do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio.

7. Acervo da Família Oliveira (1962-1973): 23 cartas escritas por 2 remetentes. As cartas são de brasileiros representantes de um português semipopular.

De modo geral, essas cartas, conforme explicitado anteriormente, constituem a produção escrita de pessoas ilustres, cultas e cidadinas, com alto grau de escolaridade e letramento, e de pessoas semicultas, de áreas rurais da Bahia. No conjunto de cartas de escreventes ilustres, também são encontradas correspondências de familiares e amigos; por essa razão, mesmo exercendo cargos públicos (remetentes e destinatários) – como é o caso do acervo **Cartas para Severino Vieira**, governador da Bahia –, os escreventes tratam seus destinatários como amigo, com menos formalidade.

¹⁰ Sendo que 5 cartas são escritas por Dantas Jr. para seu pai (cartas 13, 14 e 16) e para ambos, pai e mãe (cartas 15 e 17).

¹¹ Há brasileiros naturais de diversos outros estados: sergipanos, pernambucanos, mineiros, cariocas e paulistas, cearense, capixaba, sul-mato-grossense e paraense. Dentre os 113 remetentes identificados, apenas 1 apresenta outra nacionalidade, a portuguesa, o Padre Antonio da Costa Gaito, Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas (Universidade de Coimbra).

1.2 - Descrição e análise

Na amostra da Bahia relativa ao período de 1810-1990, foram identificados 838 dados de formas de tratamento de referência à 2ª pessoa na posição de sujeito, entre sujeitos preenchidos e nulos. As formas imperativas não foram contabilizadas no cômputo geral. A distribuição dos dados de sujeito está na tabela 01 a seguir.

<i>Vossa Excelência</i>	<i>Vossa Senhoria</i>	<i>O Senhor</i>	<i>Vossa Mercê (Vosmecê)</i>	<i>Você</i>	<i>Vós</i>	<i>Tu</i>	<i>Total</i>
392 - 47%	30 - 3%	33 - 4%	8 - 1%	343 - 41%	26 - 3%	6 - 1%	838

Tabela 01. Distribuição geral das formas de tratamento na posição de sujeito em cartas baianas (1810-1990).

Nota-se que, na amostra de cartas baianas, há a polarização entre o tratamento de base nominal *Vossa Excelência* (47%) e a forma *você* (41%), sendo que aquela forma foi utilizada sobretudo nas cartas do século XIX. O pronome *tu* apresentou um emprego bastante marginal, com menos de 1% de frequência no *corpus* em análise. Foram identificados apenas 6 dados no total, categoricamente como sujeito nulo, que ocorreram, como era esperado, quando havia maior intimidade e solidariedade entre os interactantes, em certos tipos de relação pessoal, como é o caso das relações entre amigos, cf. exemplo em (04), e entre casais – em ocasiões mais informais –, cf. (05).

(04) Vê se **Ø COMBINAS** com o Pedreira e Sinim-|bu alguma cousa a meu respeito. (de F. M. Alvares d'Araujo para Martim Francisco, 19 de setembro de 1878, Bahia/Cartas para Vários Destinatários)

(05) Bem **Ø SABIS** | que é a maior representante de minha | vida? (de Arnaldo para a esposa Maria, 1 de setembro de 1971, Bahia/Acervo Cartas da Família Oliveira)

Outro resultado bastante particular, nessa amostra, foi a presença de *vós* em referência à segunda pessoa do singular: um traço bastante arcaizante para o português brasileiro, uma vez que esse uso era recorrente no português medieval. O exemplo em (06) ilustra o ocorrido com o emprego de *vós* (*pedisteis*) para se referir a um único destinatário, no caso em questão, o pai de Maria Augusta:

(06) Por Pompilio escrevi-vos hontem, e mandei | tudo quanto **Ø PEDISTEIS**. (de Maria Augusta para seu pai, 31 de maio de 1866, Bahia/Acervo Cartas para Vários Destinatários)

A terceira estratégia com baixíssimos índices de frequência foi *Vossa Mercê* e variantes, tratamento de base nominal da qual se originou *você*. Seu uso na amostra ocorreu de maneira bastante esporádica (8 dados – 1%) em cartas do século XIX. Cabe ressaltar que a forma ocorreu grafada como *vosmicê*, como se observa em (07), o que pode evidenciar que seu emprego registra uma transição entre o tratamento formal da origem (*Vossa Mercê*), e uma estratégia utilizada em relações de menor distanciamento, cf. (08). Importante se faz observar que os poucos dados apareceram, principalmente, em relações assimétricas ascendentes:

(07) [...] uma procuração para **VOSMICE** requerer por mim ao Senhor Dr. Juiz de Direito da Comarca, os meus direitos de Eleitor como tal ahi fui qualificado... (de Dechy Pinheiro Canguçu ao Coronel Exupério Pinheiro Canguçu, 25 de dezembro de 1887, Bahia/Acervo Cartas para Vários Destinatários)

(08) meu maior prazer é que **VOSMICÊ** minha| Madrinha e todos de nossa Familia tenham| sempre gosado perfeita saude e felicidades (de Dechy Pinheiro Canguçu para o Barão de Jeremoabo 25 de dezembro de 1887, Bahia/Acervo Cartas para Vários Destinatários)

Como mencionado anteriormente, os índices mais altos de frequência são para *Vossa Excelência* e *você* que, contudo, não ocorrem necessariamente no mesmo período de tempo e com os mesmos valores sociopragmáticos. *Vossa Excelência* aparece nas cartas com 40% de frequência na primeira metade do século XIX (1810-59), atingindo 82% na segunda metade daquele século. *Você*, por sua vez, apresenta uma ascensão abrupta no século XX. Sua

frequência é bastante baixa no final do século XIX (14,3%), mas sobe para 92% entre 1900-29. Embora, no período de 1940-69, os índices sofram uma queda (50%), *você* atinge 100% na última fase do século XX (1960-99). A outra estratégia de base nominal, *Vossa Senhoria* , só se mostrou frequente na primeira fase do século XIX (1810-59), com 60%. Esse quadro está sistematizado no gráfico 01 a seguir.

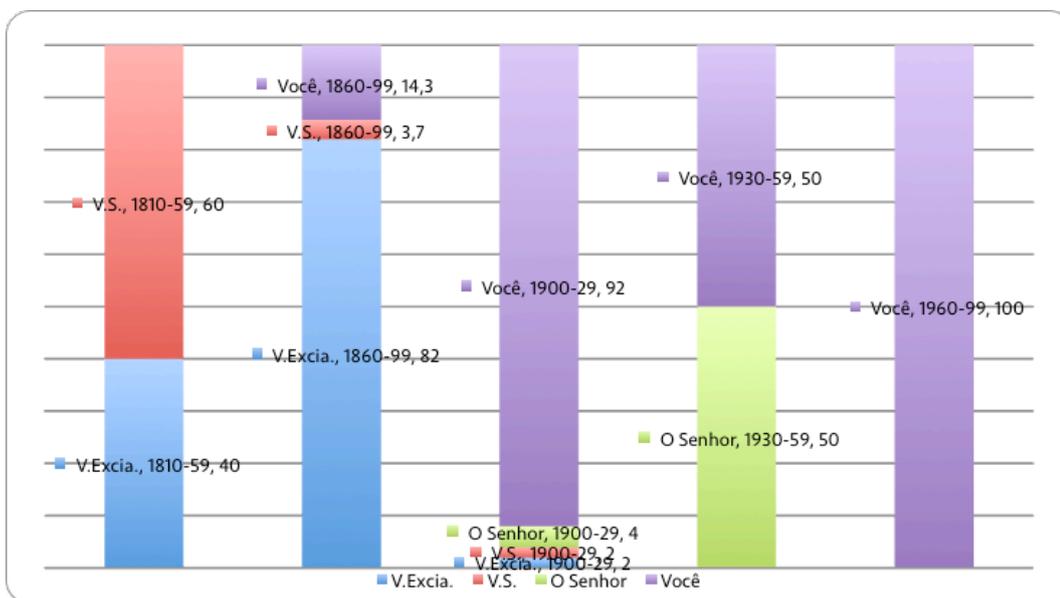


Gráfico 01. Distribuição das formas de tratamento mais produtivas ao longo do tempo em cartas baianas.

Adotando uma perspectiva mais qualitativa, nota-se como se distribuem as estratégias de tratamento em função dos eixos hierárquicos sociais. As relações sociais foram classificadas de acordo com a dicotomia entre Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), em relações simétricas e relações assimétricas (ascendentes e descendentes). Em cada uma, as relações estabelecidas entre o remetente e o destinatário foram consideradas como mais ou menos solidárias, a depender da relação interpessoal estabelecida. Assim, relações familiares mais próximas (marido-mulher, namorados, mãe-filho, tio-sobrinho etc.) foram classificadas como mais solidárias, ao passo que outras relações menos privadas ou mais distantes (primos distantes, compadres, patrão-empregado, colegas etc.) foram denominadas menos solidárias. O quadro a seguir sistematiza a distribuição qualitativa das formas de tratamento considerando essas diferentes relações:

Tipo de relação		Formas encontradas em cartas baianas
Simétrica	[+solidária]	VOCÊ Tu
	[-solidária]	V. Ex ^a V. S ^a O Senhor Vosmecê VOCÊ
assimétrica descendente	[+solidária]	VOCÊ
	[-solidária]	Vosmecê
assimétrica ascendente	[+solidária]	Vós Vosmecê
	[-solidária]	V. Ex ^a V. S ^a O Senhor

Quadro 02. Formas de tratamento encontradas em função das relações sociais nas cartas baianas.

Nas cartas baianas, *você* ocorre nas relações simétricas e nas assimétricas descendentes (superior-inferior), ao passo que, embora as estratégias de origem nominal também ocorram nessas relações, seu emprego é exclusivo nas relações de mais poder, como as assimétricas ascendentes (inferior-superior).

Uma informação importante sobre o comportamento do *você* nas cartas baianas pode ser depreendida do quadro acima. Diferentemente das demais regiões sul e sudeste, em que *você* começou por ser uma variante de

Vossa Mercê, ocupando os contextos de maior formalidade, como as relações assimétricas ascendentes (cf. LOPES, 2009; LOPES; RUMEU; CARNEIRO, 2013; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; RUMEU, 2004; 2008; 2013), na Bahia, a forma *você* parece ter entrado no sistema pronominal da 2ª pessoa por relações assimétricas descendentes e simétricas. Ainda que coexista com *Vosmecê* nessas relações, observa-se que esta é restrita às relações menos solidárias, ao passo que o *você* é utilizado preferencialmente em relações mais solidárias. Talvez por este comportamento particular, a forma *você* tenha ocupado muito rapidamente os contextos de maior intimidade, não deixando espaço para o pronome *tu*.

Assim, a suposta complexidade da distribuição variada de formas está no fato de estratégias diferentes atuarem nesses dois eixos ao longo dos dois séculos. Na primeira metade do século XIX, na Bahia, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria* são empregadas para marcar mais poder ao lado de *você*, que era empregado em contextos mais solidários. No século XX, a polarização já ocorre com outras formas. A partir principalmente dos anos 1930, *o/a senhor/a* passa a marcar poder, enquanto a solidariedade continua se estabelecendo com o emprego majoritário de *você*.

Na Tabela 02 abaixo apresentam-se os dados referentes ao uso de formas de *tu* e *você* nos paradigmas misto e exclusivo. Aqui foram excluídos os dados com formas nominais de tratamento, como *O senhor*, *Vossa Senhoria*. Nota-se que 99% dos dados são de *você*, e somente 5 dados de *tu* foram encontrados em dados de usuários que usam essa forma de maneira sistemática.

Simetria do tratamento nas cartas (sujeito)	Formas pronominais de 2ª P	
	Tu	Você
Você-exclusivo	--	336/336 - 100%
Tu-exclusivo	5/5 - 100%	--
Tu e você	1/10 - 10%	9/10 - 90%
Total	6/351 - 2%	345/351 - 98%

Tabela 02. Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito em cartas baianas.

Além de observar a distribuição das formas de tratamento na amostra, foi quantificado o preenchimento, ou não, do sujeito dessas ocorrências. Os resultados gerais obtidos são apresentados na Tabela 03, a seguir.

SUJEITO	REALIZAÇÃO		TOTAL
	Pleno	Nulo	
Vossa Excelência	223 - 57%	169 - 43%	392
Vossa Senhoria	16 - 53%	14 - 47%	30
O Senhor	18 - 54%	15 - 45%	33
Vosmecê	8 - 100%	0 - 0%	8
Você	192 - 56%	151 - 44%	343
Vós	0 - 0%	26 - 100%	26
Tu	0 - 0%	6 - 100%	6
TOTAL	457	381	838

Tabela 03. Distribuição das formas de tratamento quanto à expressão do sujeito (pleno ou nulo) nas cartas baianas (1810-1990).

Os resultados do preenchimento do sujeito mostram preferência pela realização plena do sujeito nas formas de tratamento que se originaram de um sintagma nominal, como é o caso de *Vossa Mercê* com 100%, *Vossa Excelência/Vossa Senhoria/O/A senhor(a)*, com taxas que variam de 53% a 58%, e até mesmo a forma pronominalizada *você* com 56%. As formas efetivamente pronominais, como é o caso de *tu* e *vós* para singular, ocorreram categoricamente como sujeito nulo, ou seja, a informação de segunda pessoa fica marcada apenas na desinência verbal.

A análise das cartas baianas mostra que, ao contrário do que se observa nas regiões sul e sudeste, há polarização entre o tratamento de base nominal *Vossa Excelência* e a forma *você*. Esse resultado, sobretudo aquele sistematizado no gráfico 01, mostra uma elevada taxa de *você* já no início do século. Passemos agora à análise das cartas de Pernambuco.

2. As formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: Pernambuco

2.1 - O corpus

A análise referente ao estado de Pernambuco baseia-se em 126 cartas datadas de 1869 a 1969, divididas nos seguintes subgêneros: 83 cartas de família; 32 cartas de amigos; e 8 cartas de amor, conforme distribuição apresentada no quadro a seguir. Algumas dessas missivas encontram-se disponíveis no banco de dados do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB-PE)¹².

<i>Década</i>	<i>Subcorpus de cartas</i>	<i>Quantidade de cartas</i>
1860	Acervo de José Mariano Acervo de Ascenso Ferreira	2
1870	Acervo de José Mariano Acervo de Joaquim Nabuco	4
1880	Acervo de Joaquim Nabuco Acervo de Arthur Orlando	7
1890	Acervo de Joaquim Nabuco Acervo de Arthur Orlando Acervo de José Mariano	19 (com 5 de Arthur Orlando s/d)
1900	Acervo de Joaquim Nabuco Acervo de Arthur Orlando Acervo de José Mariano Acervo de Mário Sette Acervo de Waldemar de Oliveira	16
1910	Acervo de Arthur Orlando Acervo de Manoel Borba Acervo de Waldemar de Oliveira	30 (com 1 de Waldemar de Oliveira s/d)
1920	Acervo de Arthur Orlando Acervo de Arnaldo Guedes Acervo de Manoel Borba Acervo de Nelson Ferreira	17
1930	Acervo de Arnaldo Guedes Acervo de Gilberto Freyre Acervo de Mário Sette	13

¹² Endereço para acesso: <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/corpusminimo>>.

1940	Acervo de Breno Braga Acervo de Gilberto Freyre	11
1950	Acervo de Gilberto Freyre	2
1960	Acervo de Gilberto Freyre Acervo de Nelson Ferreira	05 (om 3de Gilberto Freyre s/d)
	Total	126

Quadro 03. Composição do *subcorpus* de cartas de remetentes pernambucanos, por década.

As cartas fazem parte do acervo das correspondências ativas e passivas de Pernambuco entre os séculos XIX e XX, conforme breve distribuição seguinte:

1. Acervo de Arthur Orlando (22 cartas no período de 1894/1929): Arthur Orlando da Silva, brasileiro natural do Recife, nasceu em 29 de julho de 1858 e faleceu em 27 de março de 1916. Formou-se em Direito no Recife, atuando também na política e no jornalismo. No acervo de Arthur Orlando há cartas de diversos missivistas: Pupu, uma das suas três filhas; Izabel Maria Fragoso, sua sogra; Phaelante, amigo e jornalista; João Gonçalves, amigo; Estêvão de Sá, amigo; Maroca, Maria Arthur Fragoso da Silva, uma das três filhas; Elvira Fragoso, sua cunhada; Biluca, um das três filhas.

2. Acervo de José Mariano (5 cartas no período de 1869/1900): José Mariano Carneiro da Cunha nasceu em Ribeirão/PE, em 8 de agosto de 1850 e faleceu no Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1912. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Todas as cartas, dos subgêneros de família e de amigo, foram escritas por José Mariano, exceto uma escrita por um missivista que não assina, mas se identifica como irmão/amigo.

3. Acervo de Joaquim Nabuco (19 cartas no período de 1872/1909): Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu no Recife, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. As cartas de Nabuco são todas ativas e pertencentes ao subgênero de amigo.

4. Acervo de Arnaldo Guedes (2 cartas no período de 1922-1930): Fizeram parte do *corpus* duas cartas passivas do acervo de Arnaldo Guedes. Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Arnaldo Guedes nem dos autores que escreveram para ele, pois uma carta é assinada com o pseudônimo "Caramuru" e a outra é assinada com o prenome "Lourival".

5. Acervo de Ascenso Ferreira (1 carta de 1962): Ascenso Ferreira é um poeta pernambucano que nasceu no dia 9 de maio de 1895 em Palmares, cidade do interior de Pernambuco, e morreu no dia 5 de maio de 1965. A carta analisada foi enviada para Caio, com outra carta a ser entregue à Dona Neusa Brizola, tratando de questão referente ao Club Nordestino.

6. Acervo de Gilberto Freyre (10 cartas no período de 1939-1969): Do acervo de Gilberto Freyre, sociólogo e escritor pernambucano, todas as cartas são passivas e foram escritas pelos seguintes missivistas: Jarbas Pernambucano de Melo, filho de Ulisses Pernambucano e primo do sociólogo Gilberto Freyre; José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e primo do sociólogo Gilberto Freyre; e Severino Jordão Emerenciano nasceu no município pernambucano de Catende, membro da Academia Brasileira de Letras. As cartas pertencem aos subgêneros de amigo e de família.

7. Acervo de Manoel Borba (16 cartas no período de 1923-1924): Manoel Antônio Pereira Borba nasceu no Engenho Paquevira, no município de Timbaúba, Pernambuco, no dia 19 de Março de 1864 e faleceu em 11 de Agosto de 1928. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1887. Em 1888 dedicou-se à magistratura, ocupando o cargo de promotor em Timbaúba. As cartas ativas e passivas, pertencentes aos subgêneros de amigo e de família.

8. Acervo de Mário Sette (13 cartas no período de 1905/1937): Mário Sette nasceu no Recife, no dia 19 de Abril de 1886 e faleceu no Recife, no dia 25 de Março de 1950. Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco. No acervo há cartas do subgênero de família e só uma de amigo.

9. Acervo de Nelson Ferreira (1 carta de 1925): Nelson Ferreira Compositor e maestro, era natural de Bonito-PE, nasceu em 09.12.1902 e morreu em 21.12.1976, no Recife. A carta analisada foi enviada para a sua esposa Aurora Ramos Ferreira (Aurorinha), trata-se, portanto, de uma carta de amor.

10. Acervo de Waldemar de Oliveira (28 cartas no período de 1907/1917): Waldemar de Oliveira nasceu em Recife em 2 de maio de 1900 e faleceu em Recife em 18 de abril de 1977. Coursou medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, de 1917 a 1922, e Direito na Faculdade de Direito do Recife, onde tornou-se bacharel em Direito em 1929. Todas as cartas de Waldemar de Oliveira são ativas e para uma única interlocutora, a sua mãe.

11. Acervo de Breno Braga (8 cartas no período de 1941/1948): Não foi possível encontrar muitas informações sobre o perfil de Breno Braga, apenas saber que ele foi major do Exército Brasileiro e faleceu em 30 de março de 1992. As cartas do seu acervo são todas ativas e divididas entre os subgêneros de família e de amor.

As cartas pernambucanas coletadas são do acervo de pessoas ilustres e com um alto grau de escolaridade e letramento. Essa informação é bastante significativa para justificar o padrão predominantemente simétrico dos usos linguísticos identificados com relação às formas de tratamento no estado. No entanto, nesse conjunto de cartas de escreventes ilustres, também são encontradas correspondências de outros familiares e amigos que ampliam a margem de verificação de contextos de variação das formas de tratamento, especificamente dos pronomes *tu* e *ocê*.

2.2 - Descrição e análise

Em termos da totalidade de dados levantados, foram identificadas 354 sentenças com formas de tratamento de 2ª pessoa na posição de sujeito, sendo 279 dados de *ocê*, 64 dados de *tu*, 05 dados de *Vossa Mercê* e 06 ocorrências de *o/a senhor/a*, sem contar com os dados de imperativo, conforme números dispostos na Tabela 04 a seguir.

<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Vossa Mercê</i>	<i>O/A senhor(a)</i>
279/354 79%	64/354 18%	05/354 1,5%	06/354 1,5%

Tabela 04. Distribuição das formas de tratamento na posição de sujeito em cartas pernambucanas (1869-1969).

Na amostra de Pernambuco, todas as ocorrências de *Vossa Mercê* e *o/a senhor/a* foram identificadas nas cartas de missivistas masculinos e adultos. Quanto ao subgênero, os registros dessas formas estão em cartas pessoais entre amigos e familiares, filho e pai, excluindo, desse modo, as relações simétricas e mais íntimas estabelecidas nas cartas de amor. Estudos sobre o tema em amostras de outras regiões mostram que essas formas denotam traços de cortesia e respeito (LOPES; DUARTE, 2003). Embora sejam pouquíssimos dados de Pernambuco, é importante analisar a motivação para o emprego de formas de tratamento oriundas de sintagma nominal, observando quem as empregou, em que momento histórico, para quem e qual o efeito pretendido.

No caso do emprego da forma *o Senhor*, todos os seis dados ocorreram em uma só correspondência enviada por Joaquim Nabuco ao amigo Dr. Galvão no início do século XX, como em (09).

- (09) Para isto seria bom acostumar a águia que **O SR.** tem em si a visitar as Catacumbas. (de Joaquim Nabuco para o amigo Galvão, 20 de março de 1903, Pernambuco/Acervo de Joaquim Nabuco)

Na carta em que a ocorrência aparece, o vocativo já se encarrega de expressar um tom respeitoso ao se dirigir ao colega pela utilização do título de "Doutor" acompanhado do sobrenome. Esse tom mantém-se ao longo da missiva, mas aparece com menos distanciamento no fechamento da carta, ao alçar o destinatário da posição de colega à de amigo. O tratamento pareceu, no contexto discursivo, bastante adequado em função do conteúdo da

carta marcado pelo comentário crítico a um poema produzido pelo destinatário. A polidez e a cortesia expressas pela forma de tratamento adotada também ficam explícitas na introdução da crítica feita à obra (“Faço, se me **permite** a franquesa, algumas reservas quanto...”). A escolha tratamental e esse preâmbulo teriam o propósito de atenuar o ato da crítica, funcionando, na perspectiva de Brown e Levinson (1987) e seguidores, como uma estratégia de polidez que evitaria o conflito entre os interactantes.

No caso dos dados de *Vossa Mercê* (e formas assemelhadas), merece atenção o distanciamento temporal dos dois documentos em que essa forma apareceu. Em (10), as ocorrências situam-se no ano de 1869 (século XIX) e, em (11), trata-se de uma carta do final da década de 1950 (século XX), quase cem anos depois:

- (10) Mio querido Pae – deixe-me sua benção. Recebi a carta de vosmecê com Data de 25 do corrente e fico inteirado de tudo quanto nella **VOSMECÊ** me mandou diser. Remeto hoje cosido em uma estopa a roupa suja que aqui havia – segundo me ordena vosmecê em sua carta. [...] Recomendamos a todos, lanse sua benção a meos manos [inint.] sempre. Seo filho muito [amado] José Mariano (de José Mariano para o pai, 27 de abril de 1869, Pernambuco /Acervo de José Mariano)
- (11) Meu caro Prof. Gilberto Freire: Conforme combinamos aí vão algumas copias do seu magnifico prefacio ao “Morão, Rosa e Pimenta” – bem como os respectivos originais datilografados. Gostaria de, quando me **MANDASSE** o exemplar definitivo para impressão, receber os originais manuscritos para a exposição que será feita no lançamento do volume. Junto envio uma copia da desprerenciosa “nota do editor”. Gostaria que **PASSASSE** os olhos nessa pobre nota. O que penso do seu magnifico pre facio será dito em viva voz. Quem sabe se um jantarzinho de três ou quatro casais, no máximo, não seria oportuno para conversar sobre a materiá? A Maria da Penha está convalescendo de uma violenta pneumonia que veio forte. Logo que tudo se normalize combinaremos os por-menores se o meu caro amigo e senhora concordarem. eu e maria da penha formulamos para vossa mercê e toda a sua família os melhores votos de ano novo. deus guarde vossa mercê (de Jordão Emerenciano para Gilberto Freyre, 1959, Pernambuco/Acervo Jordão Emerenciano)

Em (10), encontra-se uma missiva enviada por José Mariano (jornalista) ao seu pai. O vocativo e a captação da benevolência, na abertura, revelam a afetividade e a proximidade respeitosa estabelecida entre os dois interlocutores. O tratamento mais respeitoso que cerimonioso evidenciado pelo uso de *Vosmecê* é mantido do início ao fim da carta. O emprego da variante representada na carta como *Vosmecê* evidencia uma das etapas de erosão fonética sofrida pelo tratamento original *Vossa Mercê*. Tal uso focaliza inclusive o desgaste semântico deste tratamento de mais distanciamento e cerimônia rumo a um traço de mais proximidade que será assumido por você ao longo do seu processo de gramaticalização. De qualquer forma, a escolha dessa variante não é aleatória e expressa ainda uma relação de poder marcada pela assimetria entre pai e filho, percebida também na construção com o verbo *ordenar* “Remeto hoje cosido em uma estopa a roupa suja que aqui havia – segundo **me ordena Vosmecê** em sua carta. (...)”.

Em (11), localizam-se trechos de uma carta enviada por Jordão Emerenciano (Bacharel em Direito e membro da Academia Pernambucana de Letras) a Gilberto Freyre. O conteúdo, iniciado pelo vocativo que se reporta a uma titulação do interlocutor, “Prof. Gilberto Freire”, trata da editoração de um livro, e o missivista envia a nota do editor para submissão do olhar do autor. Esse ato de solicitação é feito com certa dose de polidez, com o emprego do futuro do pretérito e do adjetivo que antecede o termo *nota* (“... **Gostaria** que passasse os olhos nessa **pobre** nota...”). Apesar de o uso de *Vossa Mercê* não retratar a norma linguística predominante nesse período e contexto, ele se justifica pela natureza do texto e pela intenção comunicativa. Já no fechamento, o missivista escreve primeiramente “Eu e Maria da Penha formulamos para vossa *mercê* e toda a sua Família os melhores votos de Ano Novo” com o intuito de captar a benevolência do destinatário e logo em seguida se despede: “Deus guarde vossa *mercê*”. Trata-se, pois, de uma prática convencional das missivas de sincronias passadas, que ficou preservada na seção de *despedida* do gênero textual em questão.

Passando agora especificamente à análise da variação entre *tu* e *você*, a Tabela 05 apresenta sua distribuição tendo em vista o controle da presença uniforme, ou não, do tratamento de segunda pessoa empregado na carta.

Simetria do tratamento nas cartas (sujeito)	Formas pronominais de 2ª P	
	Tu	Você
Você-exclusivo	--	261/261 – 100%
Tu-exclusivo	55/55 – 100%	--
Tu e você	9/27 – 33%	18/27 – 67%
Total	64/343 – 19%	279/343 – 81%

Tabela 05. Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito em cartas pernambucanas.

Em termos da totalidade dos dados, verificou-se o emprego majoritário de *você* com 81% de frequência nas cartas pernambucanas. O uso de *tu* foi bastante esporádico (19%) e ocorreu predominantemente na primeira metade do século XX. Na análise do comportamento uniforme, ou não, nas cartas, observou-se, em primeiro lugar, que a maior parte dos dados de sujeito ocorreu nas cartas com uniformidade tratamental, seja de *você* (*você-exclusivo* – 261 dados) ou *tu* (*tu-exclusivo* – 55 dados).

A variação entre *tu* e *você* na mesma carta foi bastante esporádica, uma vez que, pelo perfil dos informantes, com alto nível de letramento, já era esperado o emprego bastante regular das formas de tratamento. O uso variável das duas formas na posição de sujeito, em uma mesma carta, deu-se nas primeiras décadas do século XX (entre 1900 e 1920). Tal comportamento esteve presente apenas com dois remetentes masculinos distintos. O primeiro deles, José Mariano, em (12), escreve para sua filha Yayá no ano de 1900. O segundo missivista, Waldemar de Oliveira, em (13), emprega ora *tu* e ora *você* em quatro cartas diferentes que foram dirigidas à sua mãe nos idos de 1916-17:

- (12) A esta hora já **DEVES** estar mais satisfeita porque já **TERÁ** recebido a carta que foi pelo Cordelliere. Não esperes cartas senão pelos va-pores transatlânticos, que são mais rapidos e não estão sujeitos a quarentena no Lasareto, como os vapores na-cionaes. Estimei bem que tivessem ido a Usina Beltrão. Assim irão se distrahindo um pouco. Fiquei contente peloas noticias que me **DÁS** de Yoyô. Achei-o muito magro pelo retrato, mas **TU DISES** que elle agora está gordo e casado. (de José Mariano para a filha Yayá, 28 de novembro de 1900, Pernambuco /Acervo de José Mariano)
- (13) Resta **VOCÊ** apressar a remessa delle se não o receber até 12 de Agosto Pedirei a Erik ou à outro qualquer o mesmo dinheiro e pagal-o-hei logo que elle chegar. Para isto já se offereceu Erik. Segue o recibo da pensão com alguns extraordinarios que tomei devia ter seguido pelo ultimo correio mas esqueci-me. Quanto ao pagamento da frequência creio que não me dão recibo porem se me o derem, envia-lo-hei pelo primeiro correio. Fiquei satisfeito ao saber que **VOCÊ** gostou da conducta que tive, queira Deus que assim sempre aconteça Na segunda carta me **DIZES** que já devo ter recebido o dinheiro e que me devo matricular logo etc. (de Waldemar de Oliveira para a mãe, 06 de agosto de 1917, Pernambuco/Acervo Waldemar de Oliveira)

Em (12), é possível notar que houve o emprego majoritário, embora não exclusivo, de *tu* como sujeito nulo (*deves, dá*s, ao lado de *tu dises*). O único dado de *você* na carta também era como sujeito nulo em uma oração encaixada (porque já *terá* recebido). Tal comportamento era esperado, uma vez que, como reiteradamente defende Duarte (1993), o português brasileiro era positivamente marcado para o parâmetro do sujeito nulo até, pelo menos, 1937. Em (13), e nas outras cartas de Waldemar para sua mãe, é a forma *você* que prevalece, enquanto o *tu* nulo ocorre esporadicamente. A tabela 06 (abaixo) apresenta a totalidade de ocorrências, com a maior frequência de uso de *você* pleno, revelando a persistência do uso da forma nominal explícita, e a maior frequência de *tu* nulo. O maior índice do *você* pleno aponta para a tendência, a partir da primeira metade do século XX, de marcação do sujeito no português brasileiro.

SUJEITO	REALIZAÇÃO		TOTAL
	Pleno	Nulo	
Você	174 62%	105 38%	279
Tu	06 9%	58 91%	64
TOTAL	180	163	343

Tabela 06. Distribuição das formas de tratamento quanto à expressão do sujeito (pleno ou nulo) nas cartas pernambucanas (1869-1969).

Considerando agora os fatores sociopragmáticos motivadores das duas formas de tratamento, os dados são organizados quanto às relações de poder e solidariedade estabelecidas e controladas com base no grau de parentesco e nos papéis sociais assumidos pelo remetente e destinatário das missivas. Observem-se os dados dispostos na tabela 07:

Tipo de relação entre informantes		Grau de Parentesco	Você	Tu
Relações simétricas		Amigos	82	22
		Irmãos	21	--
		Primos	14	--
		Marido-mulher	1	1
Relações assimétricas	Descendentes	Mãe-Filho	5	--
		Pai-Filho	58	29
	Ascendentes	Filho-Mãe	97	12
		Filho-Pai	1	--
TOTAL			279	64

Tabela 07. Distribuição das formas de tratamento nas relações entre os informantes.

Verificou-se, como já discutido, o predomínio de *você* nas variadas relações observadas nas cartas pernambucanas (com exceção da igualdade de dados na relação entre marido-mulher). Essa predominância confirma que a forma inovadora *você* teve sempre um comportamento híbrido, o que pode ter facilitado sua generalização no PB. Nessa amostra encontra-se um *você* que ora marcava mais intimidade como na carta escrita por Izabel Maria Fragoso para a filha Maria Fragoso Orlando da Silva, em (14), ora funcionava como estratégia de respeito como na correspondência de Waldemar de Oliveira para a sua mãe, solicitando dinheiro para a sua manutenção na Bahia, durante o curso de medicina, em (15).

(14) Minha Filha

Todos os dias espero receber carta sua perguntei a Joãozinho disce elle q' **VOCE** a muito não escreve a elle q' já **SE ESQUECEO** de escrever não basta o cuidado q' tenho em Eduardo. (de Arthur Orlando para a filha Izabel M^a Fragoso, 06 de setembro de 1895, Pernambuco/Acervo Orlando da Silva)

- (15) Minha querida mamãe (...) Não podia **VOCE** mandar me na segunda-feira, alguma coisa em carta não registrada? Seria um bom allivio para mim e estou bem certo não seria grande transtorno para **VOCÊ**, pois se estivesse ahi, **VOCÊ** me dando 200# diarios e 1000 semanaes, só me tinha dado 6.800, quantia inferior ao que me tem mandado. Já vê que sobre materia de dinheiro, não lhe estou dando grandes prejuisos. (de Waldemar de Oliveira para a mãe, 23 de novembro de 1916, Pernambuco/Acervo de Waldemar de Oliveira)

O emprego eventual de *tu* foi detectado nas relações assimétricas entre pais e filhos. Nas relações simétricas, *tu* ocorre, como previsto, nas relações íntimas entre amigos. Entre casais, localizou-se apenas um dado de *tu* e outro de *você* que serão discutidos oportunamente.

Em (16), há um exemplo de *tu* utilizado em uma correspondência trocada entre amigos numa relação solidária. Trata-se de uma carta escrita por Joaquim Nabuco ao amigo Salvador para solicitar um favor. A forma carinhosa com que o escrevente se dirige ao destinatário é marcada, desde seu início, pelo tom afetivo da saudação (*Meu caro Salvador*):

- (16) Meu caro Salvador,
[...] Ela é cunhada de Mistress Hallek aviuva do celebre general, e por qualquer modo **TU** saberás onde encontral-a. Na carta fallo em ti, e Ella, desejará muito conhecer te pelo que eu lhe digo, e estou certode que será um muito agradável conhecimento para ambos. Adeus, meu caro Salvador. Cada dia mais eu te invejo - fazendo votos para que não **VOLTES** tão cedo á esta <↑capital>do café. (de Joaquim Nabuco para o amigo Salvador, 25 de dezembro de 1875, Pernambuco/Acervo de Joaquim Nabuco)

Outro aspecto que reitera o que foi observado nos estudos sobre o tratamento no PB é a presença do *tu* nas relações assimétricas de superior-inferior (pai-filho). Em (17), há um dado extraído de uma correspondência de pai (José Mariano) para filha (Yayá). Trata-se de uma relação assimétrica descendente (pai-filha), mas com forte presença de marcas solidárias e de intimidade: uso de um adjetivo qualificativo (*querida*) e diminutivo (*filhinha*) na saudação; tom afetuoso e melancólico na despedida quando o pai pede por notícias (*fico triste*):

- (17) Minha querida filhinha Yayá.
[...] Vi portanto porque **SAUDASTE** essa que não chegou aqui. Já estou inteiramente bom. Foi bom que me **MANDASSES** o retalho d'A concentração que é para eu mandar um cartão de felicitações ao [inint.] e não sahir em falta maior. Eu devia ter telegraphado mas passou-me a data. Não deixes de me escrever sempre. Fico triste quando chega um vapor e não me traz noticias dahi. (de José Mariano para a filha Yayá, 13 de julho de 1900, Pernambuco/Acervo de José Mariano)

Nas relações assimétricas de inferior-superior, houve menor presença de *tu* como era esperado. Em (18), Mário Sette se dirige a sua mãe com formas do paradigma de *tu* (*podes*), dando notícias sobre as reconciliações familiares depois de um desentendimento entre os membros de duas famílias. Em (19), apesar do tom afetivo e íntimo, o estudante de medicina Waldemar de Oliveira emprega *você* para tratar sua mãe:

- (18) Minha adorada mãe.
Abençoe a mim e a Maria Laura. Até a presente data ainda não recebi uma carta escripta por ti, felicidade que anciosamente aguardo, como bem **PODES** calcular. (de Mário Sette para mãe, 16 de novembro de 1905, Pernambuco/Acervo de Mário Sette)
- (19) Minha Querida Mamãe Como **TEM** passado? Eu sahi doente, ás 11 horas hontem Porque **VOCÊ** não veio a Communhão hontem? (de Waldemar de Oliveira para a mãe, 14 de outubro de 1907, Pernambuco/Acervo de Waldemar de Oliverira)

A partir das décadas de 1910 e de 1919 (cf. Gráfico 03, na seção 4), a presença de *tu* foi cedendo espaço para a presença do *você*. Fica evidente que houve, desde então, uma mudança de comportamento com a difusão de *você* nos contextos discursivo-funcionais mais típicos do íntimo *tu*.

Embora se tenha observado nas cartas pessoais analisadas uma elevada simetria no tratamento justificada pelo alto grau de escolarização dos missivistas estudados, foi possível detectar o emprego ora de *tu* ora de *você* em cartas diferentes, mas escritas pelo mesmo missivista a um único destinatário. Trata-se de duas cartas trocadas por um casal. Como pode ser visto em (20) e (21), o conteúdo da carta definiu, com base na sua temática, o emprego de um tratamento mais íntimo (formas do paradigma de *tu*) ou menos íntimo (predomínio de formas do paradigma

de você). As duas cartas de amor foram enviadas por Arthur Orlando à esposa Maria Fragoso Orlando da Silva. A primeira carta, escrita em 1908, em (20), traz declarações amorosas e íntimas do casal; a segunda, escrita no mesmo ano, em (21), trata da compra de um imóvel. Em (20), o emprego exclusivo do *tu* condiz com o propósito comunicativo de expressar o afeto e a relação íntima do casal. Já em (21), a forma verbal em terceira pessoa (Que *acha?*) remete à interlocutora em segunda pessoa. Prevalece, nesse exemplo, o comunicado sobre a compra de uma casa, portanto, uma temática de menor intimidade.

- (20) Recife, 2 de Novembro de 1908
 [...] Não tenhas medo, minha febre não é paludismo, é loucura **POR TI**. Vem ver-me e olhar muito para mim. Não te esqueças de que é com as linhas de **TEUS** braços e com a cor de **TEUS** olhos que minha alma vai todos os dias desenhando o seu ideal. Arthur Orlando (de Arthur Orlando para a esposa Maria Fragoso, 02 de novembro de 1908, Pernambuco/Acervo de Arthur Orlando)
- (21) Recife, 5 de 9^{bro} de 1908
 Minha Babona
 Fui à Varzea e lá encontrei uma casa, no pateo das Igrejas, com jardim ao lado, grande sitio e abacateiros e laranjeiras e cajueiros e figueiras e videiras, e groselheiras, e videiras e grande cosinha com grande fogão de ferro, tanque, latrina, tudo por 100 Réis, garantindo por 3 mezes, ao todo, por tanto, 300 Réis. **QUE ACHA?** É preciso decidir quanto antes. Não se esqueça de mandar-me os meus Novos Ensaios. [...] Venha Babona. De teu velho babão. (de Arthur Orlando para a esposa Maria Fragoso, 05 de novembro de 1908, Pernambuco/Acervo de Arthur Orlando)

Cabe destacar que o comportamento observado nessa amostra de cartas pernambucanas revela pontos de oscilação entre *tu* e *você*, com o pronome *você* mostrando-se mais produtivo, assumindo, no início do século XX, uma posição majoritária. O gráfico 03 evidencia o forte predomínio da estratégia mais frequente (*você*), com a sua consolidação no início do século XX. A maioria dos dados de sujeito ocorreu com uniformidade de tratamento *você-exclusivo* ou *tu-exclusivo*, foram raros os casos de mistura dos dois paradigmas, tendo em vista o perfil dos escreventes. A variação das duas formas na posição de sujeito na mesma correspondência ocorreu apenas nas primeiras décadas do século XX. A totalidade de ocorrências evidencia a maior frequência de uso de *você* pleno e a maior frequência de *tu* nulo. Esse resultado aponta para a tendência de marcação do sujeito no PB, a partir da primeira metade do século XX.

3. As formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: Rio Grande do Norte

3.1 - O corpus

A análise referente ao estado do Rio Grande do Norte baseia-se em 304 cartas privadas escritas no curso do século XX, conforme distribuição apresentada no quadro a seguir.

<i>Década</i>	<i>Subcorpus de cartas</i>	<i>Quantidade de cartas</i>
1916-1925	Acervo irmãos Paiva	65
1924-1944	Acervo Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade	88
1943-1944	Acervo de José Geraldo Fonseca para a sua mãe	32
1946-1972	Acervo de Lourival Rocha e Ruzinete Dantas	50
1973-1989	Acervo da família Rocha	20
1973-1999	Acervo do desembargador Manoel Onofre Júnior a diferentes remetentes	19

1992-1994	Acervo de Walter Oliveira a sua namorada Lúcia Suassuna	30
Total		304

Quadro 04. A composição do *subcorpus* de cartas de remetentes norte-rio-grandenses.

As cartas fazem parte do acervo do projeto PHPB-RN. A seguir, apresentamos uma breve descrição das amostras¹³.

1. Acervo irmãos Paiva (1916-1925): Esse conjunto reúne 65 cartas pessoais escritas por dois irmãos norte-rio-grandenses do sexo masculino: Theodósio Paiva nascido em 1858 e João de Paiva nascido no ano de 1867. Theodósio Paiva morava em Natal, era funcionário público Estadual e tinha uma vida política e social bastante ativa. João de Paiva morava em Monte Alegre/RN e gerenciava alguns bens de Theodósio Paiva nessa cidade. O conteúdo temático dessas cartas, em sua maioria, contempla questões comerciais, notícias pessoais e dos familiares.

2. Acervo Luís da Câmara Cascudo (1924-1944): conjunto composto de 88 cartas pessoais escritas por Luís da Câmara Cascudo ao seu amigo poeta Mario de Andrade no período de 1924 a 1944. O universo discursivo dessas cartas é bastante variado e inclui notícias da cidade e dos familiares, comentários sobre livros e viagens, bem como conversas sobre a economia e política nacional.

3. Acervo José Geraldo Fonseca (1943-1944): Esse conjunto reúne 32 cartas pessoais escritas pelo norte-rio-grandense José Geraldo Fonseca (1925-), nos anos de 1943 e 1944 e foram endereçadas a sua mãe. O conteúdo temático dessas missivas contempla notícias do dia-a-dia no colégio Diocesano Seridoense – em Caicó/RN, notícias do cotidiano do Fonseca e de suas viagens com a orquestra do colégio Diocesano.

4. Acervo Lourival Rocha e Ruzinete Dantas (1946-1972): O quarto conjunto de cartas familiares e de amor reúne a correspondência ativa e passiva de Lourival Rocha (1922-1992) e Maria Ruzinete Dantas, nesse acervo há cartas do namoro/noivado e depois do casamento do referido casal. Lourival estudou até o Ensino Médio, foi comerciante, até 1965, em várias cidades do RN e do Brasil. Teve uma vida pública bastante ativa, foi eleito prefeito de Patu/RN, em 1968. Ruzinete Dantas (1931-2014) estudou até a terceira série primária. Em 1947, casou-se com Lourival Rocha. Esse conjunto de cartas apresenta uma particularidade, pois reúne cartas de amor e cartas familiares de um período de Lourival e Ruzinete. Este conjunto está dividido da seguinte forma: 16 são cartas escritas por Ruzinete destinadas ao seu namorado/noivo/esposo Lourival Rocha e 34 escritas por Lourival são dedicadas a sua namorada/noiva/esposa Ruzinete. O conteúdo temático dessas cartas é bem diversificado, contemplando notícias pessoais, da família, dos partidos políticos, dos negócios e assuntos amorosos.

5. Acervo Joana Rocha¹⁴ (1973-1989): Esse conjunto reúne 20 cartas pessoais da família Rocha. São correspondências passivas de irmã para irmã, datadas de 1973 e de 1989. As senhoras Joana Rocha (remetente) e Antônia Rocha (destinatária) moravam em cidades distintas e trocavam notícias pessoais e familiares, por meio dessas epístolas.

6. Acervo Desembargador Manoel Onofre Júnior (1973-1999): Esse conjunto reúne 19 cartas escritas pelo desembargador norte-rio-grandense Manoel Onofre Júnior (1943-). Essas cartas são endereçadas a vários ilustres do RN e do país e tratam, quase que exclusivamente, de apreciações do referido desembargador acerca das produções bibliográficas de seus destinatários.

¹³ Para uma descrição mais acurada desses informantes, recomendamos a leitura dos seguintes textos: Moura (2013) e Lopes *et al.* (a sair).

¹⁴ Essas cartas foram doadas ao projeto PHPB-RN sem informações biográficas, logo dispomos de poucas informações sobre essas informantes. Sabe-se apenas que são potiguares e consanguíneas que trocavam correspondências constantemente, as demais informações foram inferidas a partir da leitura das cartas. É importante ressaltar que estamos fazendo um levantamento a fim de obtermos informações biográficas dessas missivistas.

7. Acervo Walter Oliveira (1992-1994): Esse conjunto reúne 30 cartas de amor escritas pelo missivista Walter Matias Oliveira (1960-) endereçadas a sua namorada Lúcia Suassuna (Lucinha) e o conteúdo temático trata de assuntos amorosos e notícias pessoais.

3.2 - Descrição e análise

Identificamos 892 ocorrências dos pronomes *tu*, *você* e *o/a senhora*, assim distribuídos:

<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>A senhora</i>
756	86	50
84%	9%	5%

Tabela 08. Distribuição das formas de tratamento na posição de sujeito.

Todas as 50 ocorrências do pronome *a senhora* estão restritas à correspondência de José Geraldo Fonseca, no período de 1943-1944, endereçada à sua mãe, conforme exemplos (22) e (23) a seguir.

- (22) [...] Arranje um jeito de mandar minha mala, que penso que logo <↑que> ela chegue irei para o Ginásio. A bacia para e de qualquer cor e visto é [ilegível] mesmo como **A SENHORA** está <↑está> . Ainda não sei qual será o meu número, mais não há importância, pois as meninas aqui botam. (de José Geraldo para sua mãe, 28 de março de 1943, Rio Grande do Norte/Acervo José Geraldo Fonseca).
- (23) Mamãe Fiz ótima viagem como **A SENHORA** já deve saber. Padre Valfredo não me disse nada, tanto [espaço] assim [espaço] eu podia [espaço] ter passado mais dias por aí. (de José Geraldo para sua mãe, 7 de agosto de 1943, Rio Grande do Norte/Acervo José Geraldo Fonseca).

No que se refere aos dados relacionados à alternância *tu* e *você* nas cartas, os resultados parecem corroborar os resultados de Moura (2013): já no início do século XX, mais particularmente em cartas pessoais das décadas de 1910 e 1920, as formas associadas ao pronome de segunda pessoa *você* mostram-se bastante produtivas, ultrapassando, inclusive, as taxas de uso das formas associadas ao pronome *tu* no estado do Rio Grande do Norte.

Ao voltarmos nossa atenção para as relações entre os informantes, identificamos que, mais uma vez, observa-se a produtividade do *tu* nas missivas de cunho mais intimista. Esses dados estão sistematizados na tabela 09, a seguir.

RELAÇÃO ENTRE OS INFORMANTES	TU	VOCÊ
Irmão para irmão	2/41 - 4%	39/41 - 96%
Amigos	0/412 - 0%	412/412 - 100%
Namorado/noivo para namorada/noiva	29/303 - 9%	274/303 - 91%
Marido para mulher	1/3 - 33%	2/3 - 67%
Namorada/noiva para namorado/noivo	13/13 - 100%	0/13 - 0%
Mulher para marido	41/41 - 100%	0/41 - 0%
Irmã para irmã	0/29 - 0%	29/29 - 100%

Tabela 09. Distribuição das formas de tratamento nas relações entre os informantes do RN.

Identificamos que a forma inovadora *você* mostrou-se bastante produtiva em todas as relações. No entanto, apesar de as frequências de uso da forma inovadora *você* serem significativas, como mostra a tabela 9, nas relações amorosas e fraternais – cartas de namorado(a)/noivo(a) para namorada/noiva; de marido para

mulher; e de mulher para marido – percebemos um aumento nas taxas de uso do *tu*. Essas constatações, expressas em números na Tabela 9, parecem confirmar que as formas de *tu* são mais produtivas em relações simétricas.

Descritos os ambientes discursivos das cartas, observamos que os usos de *tu* são bastante motivados: (i) as 69 ocorrências de *tu* na década de 1940 estão circunscritas às correspondências amorosas de Ruzinete e Lourival – no período de namoro e noivado do casal; (ii) as 9 ocorrências de *tu* em cartas da década de 1950 são da escrita de Ruzinete que apresenta um sistema tratamental de *tu* categórico; e (iii) as 6 ocorrências de *tu* em cartas da década de 1990 são em cartas de amor escritas por Walter Oliveira para sua namorada – também um contexto que motiva o uso de formas do *tu* – conforme exemplo (24) a seguir.

- (24) Deixe-me andar assim no teu caminho, por toda a vida amor, de vagarinho até a morte me levar consigo... **TU ÉS** a vida da minha própria vida por isso e que te amo amo 365X365, que Deus te conserve bonita e bela para mim. (de Walter Oliveira para Lucinha, 31 de setembro de 1949, Rio Grande do Norte/Acervo).

De um modo geral, o pronome *você* é a forma mais produtiva que a forma *tu* no curso de todo o século XX. Observe-se na Tabela 10 a seguir a distribuição dos pronomes ao longo do século.

DÉCADA	TU	VOCÊ
1910-1919	2/25 - 8%	23/25 - 92%
1920-1929	0/175 - 0%	175/175 - 100%
1930-1939	0/183 - 0%	183/183 - 100%
1940-1949	69/113 - 62%	44/113 - 38%
1950-1959	9/9 - 100%	0/9 - 0%
1970-1979	0/0 - 0%	19/19 - 100%
1980-1989	0/22 - 0%	22/22 - 100%
1900-1999	6/296 - 3%	290/296 - 97%

Tabela 10. Distribuição de *tu* e *você* por década em cartas norte-rio-grandenses do século XX.

Esse quadro apresenta, da mesma forma que os demais estados do nordeste, uma diferença face ao quadro apresentado para a escrita carioca e de outros estados do Sul e Sudeste que apontam a década de 1930 como marco de uma mudança com a inversão do comportamento de *tu* e *você*, tornando-se o *você* majoritário com o declínio do pronome *tu* (cf. LOPES, 2009).

Os dados de *tu* correspondentes às décadas de 1940 e 1950 estão no conjunto de cartas amorosas trocadas entre os namorados e posteriormente noivos Ruzinete Dantas e Lourival Rocha. Há na amostra do casal cartas correspondentes ao período de namoro, noivado e casamento deles. Lourival e Ruzinete se casam no final da década de 1940 – muito provavelmente em final de 1947 de acordo com excertos de cartas de Ruzinete, conforme dados em (25) a seguir.

- (25) Lourival, entre papai, seu Amadeu Mamãe e D. Fransquinha **abordou-se o assunto de nosso consorcio; estes dias são da opinião de ser efetuado no fim do ano**: mas, seu Amadeu disse que fizessem logo, adiantando que ias a Pau-dos-Ferros, e quando voltasses, marcarias o tempo com o papai. (de Ruzinete para Lourival, 25 de maio de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

Nesse período de correspondência, até o final de 1947, ambos se tratam por *tu*, cujo uso é fortemente motivado pela natureza das cartas, conforme exemplos (26) e (27) a seguir. São cartas de amor.

- (26) Tenho por costume ir à mala todas as noites, ou como obrigação; passar um visto num presente que me deste, julgo até mesmo **TU** não lembra; mas, para mim significa tudo... (de Lourival para Ruzinete, 22 de outubro de 1946, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

- (27) Vou terminar pedindo para não **DEIXARES** tua noivinha passar mais tempo sem o bálsamo suavizador de tua presença. (de Ruzinete para Lourival, 1 de junho de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

O tratamento dispensado por Lourival a Ruzinete muda nas correspondências a partir do final de 1947 – depois do casamento – em que a forma tratamental *você* passa a ser empregada. O assunto das cartas também muda. De cartas de amor, a correspondência do casal passa a cartas familiares em que são tratadas questões domésticas e de organização da vida familiar, conforme (28) e (29) a seguir.

- (28) Tenho mais os 200 ovos levarei quando for se Deus quiser segunda à noite, diga se **VOCÊ** e os meninos já ficaram bons da gripe, fiquei bastante preocupado. Aqui vamos com saúde graças a Deus, apenas o inverno esta muito fraco quase totalmente seco. (de Lourival para Ruzinete, 12 de abril de 1972, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)
- (29) Pelo nosso amigo Apolonio estou remetendo a importância de Cr\$ 250,00 (Duzentos e cinquenta cruzeiros), **VOCÊ** mande entregar a menina desta carta a importância de Cr\$ 30,00 conforme acusa na mesma,[...]. (de Lourival para Ruzinete, 16 de maio de 1972, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

Ruzinete é usuária de um sistema tratamental de *tu* categórico. Na função de sujeito, não há dados de *você* . Nas cartas de Ruzinete de todo o período correspondente às décadas de 1940 e de 1950, há dois usos de formas de *você* dispensados a Lourival em contextos sintáticos com possessivos e com infinitivo, conforme exemplos (30) e (31).

- (30) D. Francisquinha ainda está ai? **FINEZA DIZER** a ela que mamãe, brevemente irá a Mossoró, e por isso, peço-te avizar o regreço dela. (de Ruzinete para Lourival, 27 de janeiro de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)
- (31) Recebi **SUA** cartinha com a qual fiquei bastante satisfeita pois há dias que havias saído e ainda não tinhas dado notícias de formas que não sabia se ias até Patu contudo peço-te que facês por vir o mais breve possível pois estou ansiosa que chegues apesar de que talvez ainda não estejas com saudades de casa. (de Ruzinete para Lourival, 14 de abril de 1951, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

Somado ao conteúdo temático, os usos da forma de tratamento *tu* estão fortemente motivados por contextos em que há um sujeito pronominal nulo, conforme resultados expressos na tabela a seguir.

Período	TU nulo	TU preenchido	VOCÊ nulo	VOCÊ preenchido
1910-1919	2/2 – 100%	0/2- 0%	20/23 – 87%	3/23 – 13%
1920 - 1929	---	---	25/175 – 14%	150/175 – 86%
1930- 1939	---	---	25/183 – 14%	158/183 – 86%
1940-1949	68/69 – 98,5%	1/69 – 1,5%	11/44 – 25%	33/44 – 75%
1950-1959	9/9 – 100%	0/9 – 0%	---	---
1970-1979	---	---	0/19 – 0%	19/19 – 100%
1980- 1989	---	---	2/22 – 9%	20/22 – 91%
1990-1999	5/6 – 83%	1/6 – 17%	5/290 – 0,7%	285/290 – 99,3%

Tabela 11. Distribuição de *tu* nulo vs. *tu* preenchido e de *você* nulo vs. *você* preenchido em cartas norte-rio-grandenses do XX.

No que diz respeito à produtividade do preenchimento do sujeito com os pronomes *tu* e *você* na amostra, a análise nos permite identificar certa linearidade na realização do pronome *você* na posição de sujeito no curso do século XX. Observe-se que com exceção da década de 1910, a taxa de *você* preenchido é bastante alta no curso do

tempo. Como têm mostrado os estudos de Duarte (1993, 1995, 2012), a escrita brasileira no século XIX apresentava um uso significativo do sujeito pronominal nulo e, na segunda metade do século XX, começa a se observar uma mudança gradual a caminho do preenchimento do sujeito. Os exemplos apresentados a seguir, foram retirados do *corpus* e ilustram essa produtividade do *você*, na posição de sujeito lexicalizado.

- (32) João [...] A Fabrica ainda não recebera os20 fardos de lã que **V.** [?]pachou[inint.] para ella e aos quaes nos remetteo p[o]r [inint.] ser a[...] (de Theodósio para João de Paiva, 28 de setembro de 1918, Rio Grande do Norte/Acervo irmãos Paiva)
- (33) Eu fiquei em paz com você já pensou se ela faz um escandalo e dai como podemos ficar juntos por isso eu quero que **VOCE evite** tudo. Pelo menos isto será muito bom prá nós dois amôr (de Walter Oliveira para Lucinha, 30 de março de 1992, Rio Grande do Norte/Acervo de Walter de Oliveira)
- (34) Lucinha, achei lindo o cartão de aniversario que **VOCÊ** me **mandou**, **VOCÊ** é uma pessoa de muito bom gosto [...] (de Walter Oliveira para Lucinha, 18 de outubro de 1992, Rio Grande do Norte/Acervo de Walter de Oliveira)

Observe-se, ainda, que em relação ao *tu*, mesmo nas cartas da década de 1990, a forma nula do pronome ainda é muito frequente, diferentemente do comportamento do *você*, que aparece quase que categoricamente preenchido. Esse quadro já descrito em estudos anteriores, sobre a implementação de *você* na escrita brasileira do final do século XIX e início do XX, mostra que o preenchimento do sujeito é um ambiente favorecedor do uso da forma inovadora na gramática do PB (cf. LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES, 2009; LOPES, RUMEU; MARCOTULIO, 2011; LOPES; MARCOTULIO, 2011). Segundo esses estudos, o *você* está associado a uma gramática cujo sujeito pronominal tende a aparecer preenchido, enquanto o *tu* ainda é mais produtivo em contextos com sujeito nulo, conforme dados em (35) e (36) a seguir. De um modo geral, tal quadro se deixa, também, transparecer nas cartas norte-rio-grandenses.

- (35) Até o momento não sei se chegou às tuas mãos a minha ultima carta, a pesar de que na mesma disse que não respondeste para Páu- dos- Ferros, vista minha viagem em poucos dias depois, porém| agora **PUDERAS** escrever para mim com o endereço que darei abaixo. (de Lourival para Ruzinete, 3 de maio de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete).
- (36) Caso seja possível, **QUEIRAS** dar noticias de todos. Lourival Rocha. (de Lourival para Ruzinete, 7 de abril de 1949, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete).

A análise aqui apresentada, corroborando as assertivas já delineadas por estudos anteriores, evidencia que o conteúdo temático das cartas com maior intimidade favorece fortemente o uso do *tu* na escrita norte-rio-grandense do século XX, como já apontado em Moura (2013).

Considerando a proposta de Lopes e Cavalcante (2011) e os resultados aqui sistematizados, podemos dizer que, com base no conjunto de cartas do Rio Grande do Norte, o subsistema de tratamento que vigorou, em quase todas as décadas do século XX, é o de *você*, já bastante consolidado na primeira metade desse século.

4. Para um panorama diacrônico do pronome *você* na função de sujeito na região nordeste – à guisa de conclusão

A análise das cartas dos três estados do nordeste brasileiro mostra que, ao contrário do que outros trabalhos observaram para as regiões sul e sudeste (cf. LOPES, 2009; LOPES; RUMEU; CARNEIRO, 2013; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; RUMEU, 2004), o pronome *você* apresenta uma elevada taxa já na primeira década do século XX. Tendo em vista os resultados apresentados nas subseções anteriores, nas amostras da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte o uso de *você* como forma de tratamento em contextos sócio-discursivos mesmo em relações simétricas é já bastante alto em cartas da década de 1900, ou mesmo antes no final do século XIX.

Considerando apenas a alternância entre *tu* e *você* na função de sujeito nas amostras analisadas nos três estados, apresentamos nos gráficos a seguir um panorama diacrônico dessas formas de tratamento na região Nordeste.

Nas cartas da Bahia, o uso de *tu* é marginal e o *você* é já muito frequente desde a década de 1860, no século XIX, conforme expressa o gráfico 02 a seguir.

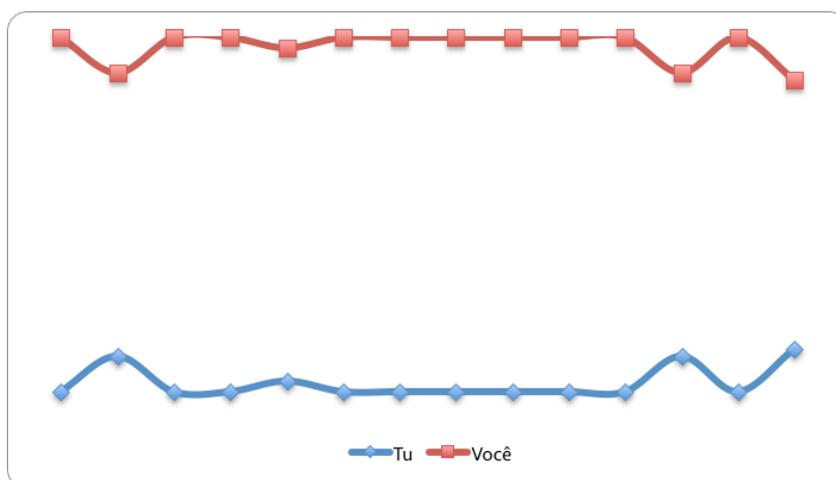


Gráfico 02. Distribuição de frequência de *você* e *tu* na posição de sujeito em cartas baianas (1860-1990).

Nas cartas de Pernambuco o uso de *você* na função de sujeito também é expressivo, e a presença de *tu* e rara e sócio-discursivamente motivada. O gráfico 03 a seguir mostra que o emprego de *você* começa a ascender no início do século XX, na década de 1910, generalizando-se como a estratégia mais recorrente.

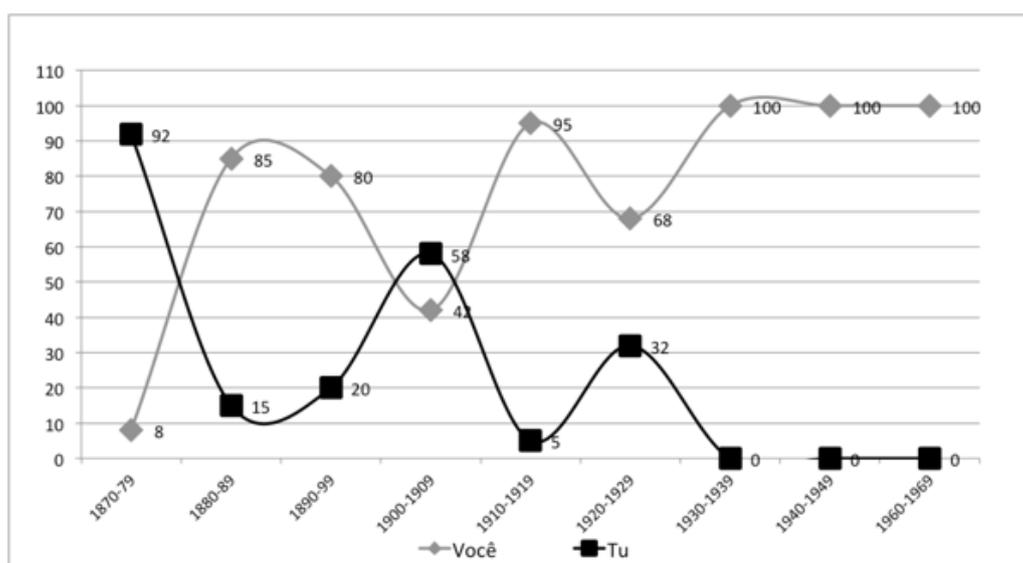
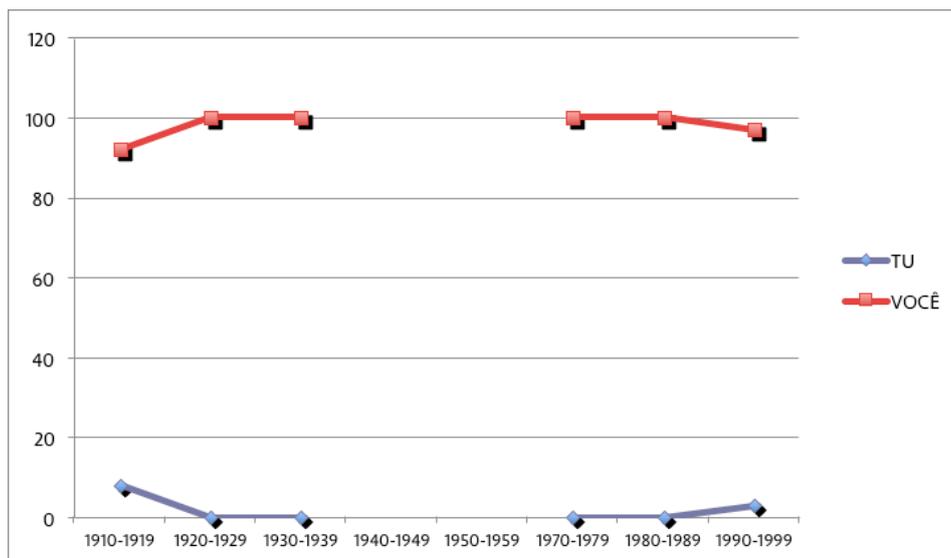


Gráfico 03. Distribuição de frequência de *você* e *tu* na posição de sujeito em cartas pernambucanas (1869-1969).

A distribuição desses dados ao longo do tempo revela a supremacia de *tu* em fins do século XIX (1870-79); o predomínio de *você* entre 1880-1900; a coexistência entre *tu* e *você* em dois períodos da primeira metade do século XX (década de 1900-10 e décadas de 1920-29); e o uso majoritário de *você* a partir de 1910.

O gráfico 04 a seguir, que reflete os dados expressos na Tabela 10 da seção 3, delinea o comportamento das formas tratamentais *tu* e *você* nas cartas do Rio Grande do Norte.

Gráfico 04. *tu/você* nas cartas norte-rio-grandenses no curso do século XX.

Dadas as especificidades dos usos do pronome *tu* na amostra do Rio Grande do Norte, sócio-discursivamente motivados pelas relações entre os informantes conforme discutimos na seção anterior, excluímos as cartas referentes às décadas 1940 e 1950, nas quais há um uso bastante motivado do pronome *tu*. Observe-se que, de igual modo aos estados da Bahia e de Pernambuco, o pronome *você* é a forma categórica já em cartas do início do século XIX, na década de 1910.

Os resultados aqui apresentados evidenciam que nos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, no nordeste brasileiro, o subsistema de tratamento que vigora, em quase todas as décadas dos séculos XIX e XX, é o *você*, já bastante consolidado na primeira metade do século XX. Corroboram ainda estudos que mostram que as escolhas das formas de tratamento estão diretamente vinculadas ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando mais poder ou mais solidariedade nos diferentes contatos. Em termos diacrônicos e diatópicos, a verificação do emprego de *você* e *tu* em cartas pessoais dos séculos XIX e XX de três Estados da região Nordeste contribuirá para o mapeamento do processo de gramaticalização de *você* e suas consequências para os paradigmas de segunda pessoa na diacronia do PB.

Referências Bibliográficas

- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). *Style in Language*. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960. p. 253-276.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, Célia Regina Santos. *Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX*. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição (Org.). *Sujeito e linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.
- _____.; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e Inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós Ottoni. In: LOPES, Célia Regina Santos (Org.). *A norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005.
- _____. et al. *A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: posição de sujeito*. (a sair)
- _____.; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópica-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Vol. 15, Números 1/2, p. 187-212, 2013.

_____.; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: COUTO, Letícia Regina; LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2011. p. 315-348.

_____.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento a Rui Barbosa. In: BARBOSA, A.; CALLOU, D. *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 265-291.

_____.; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do Voceamento no Português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística* (Madrid), v. 25, p. 30-65, 2011.

_____.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De "Vossa Mercê" a "Você": análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003. p. 61-76.

MOURA, Kássia Kamilla. *A implementação do VOCÊ em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *A Implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Língua e sociedade: a história do pronome "você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.